

P
Público

Colecção: *Ex-Libris* – *Tesouros das Bibliotecas de Portugal*

Quando foi a última vez que entrou numa biblioteca? Sabe que tesouros nelas se escondem? O PÚBLICO, em parceria com a editora A Bela e o Monstro e com o apoio da The Navigator Company, andou à procura dos tesouros guardados em algumas bibliotecas patrimoniais de Portugal e reúne agora na colecção *Ex-Libris - Tesouros das Bibliotecas*. São doze volumes, doze obras raras e insubstituíveis provenientes de doze bibliotecas de Norte a Sul do país, recuperadas das prateleiras em versão fac-similada e capa dura. Uma oportunidade de descobrir relíquias da literatura portuguesa, quinzenalmente às sextas-feiras, com o seu jornal.



Bruno Carreira

Cristóvão Costa



Cristóvão Costa



Cristóvão Costa



EX-LIBRIS

TESOUROS DAS BIBLIOTECAS DE PORTUGAL

Apoio de:

NAVIGATOR

Premium Books

Impresso em papel Navigator Premium Books



João Costa

VOLUME 1 *Rhythmas, de Camões*

Biblioteca D. Manuel II, do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

AMANHÃ: POR +9,90€

EDIÇÃO QUINZENAL
EM CAPA DURA



Doze tesouros de papel

Recuperar tesouros que se guardam em algumas das bibliotecas patrimoniais de Portugal é o objectivo da nova colecção do PÚBLICO. Ao longo das próximas semanas, o jornal, em parceria com a editora A Bela e o Monstro e o apoio da The Navigator Company, traz-lhe 12 obras insubstituíveis, espólio de 12 instituições bibliotecárias espalhadas pelo país. Uma oportunidade única de ter nas mãos alguns dos livros mais raros do país.



Cristóvão Costa

De origem grega a palavra “biblioteca” significa o local onde se depositam livros. Esta é, contudo, uma definição muito redutora destes espaços de partilha de cultura, sabedoria e história. “A biblioteca é um espaço bonito e confortável. Pode ser uma casa inteira, concebida de raiz, ou apenas uma sala adaptada. Sabe-se onde estão os livros e as revistas porque o catálogo está em dia. Os bibliotecários são profissionais cultos, mas não impositivos. Apenas sugerem leituras”, descreve José Augusto Cardoso Bernardes, antigo Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e curador da colecção *Ex-Libris - Tesouros das Bibliotecas de Portugal*, que agora é distribuída com o PÚBLICO.

No mundo em que vivemos, onde tudo está cada vez mais à distância de um clique, as bibliotecas enfrentam o desafio do esquecimento. Ainda que muitas tenham apostado na inovação tecnológica ou mesmo na renovação dos seus espaços, a verdade é que, como menciona José Augusto Cardoso Bernardes, “as bibliotecas são admiradas e respeitadas por alguns; mas já não são especialmente amadas por muitos”. Isso é especialmente “perigoso” para as bibliotecas históricas ou patrimoniais. “Pelo ambiente que lá se res-

pira, podem ser confundidas com museus. Em muitos casos, trata-se de espaços pouco frequentados, com estantes antigas e filas de livros encadernados em pele, por vezes já ressequida. São as mais difíceis de preservar. Requerem o cuidado de bibliotecários especialmente devotados, experientes e sabedores. E não passam sem trabalho de restauro contínuo. O público que as procura também é diferente. São investigadores que conhecem e valorizam obras que deixaram de ser lidas e que, por isso, correm o risco de passar por dispensáveis. É este o maior perigo que ameaça as bibliotecas patrimoniais em Portugal. Por conta de vários motivos (a vertigem digital, é apenas um deles) instalou-se a ideia de que não se justifica despender recursos na conservação de documentos em papel. E não é assim”, explica o curador da colecção que o PÚBLICO edita em parceria com a editora A Bela e o Monstro e com o apoio da The Navigator Company.

Recuperando, em versão fac-similada com capa dura, 12 obras insubstituíveis, espólio de 12 instituições bibliotecárias espalhadas pelo país, esta iniciativa visa colocar nas mãos dos interessados cópias verdadeiras de tesouros que se guardam em algu-

mas das bibliotecas patrimoniais de Portugal. “Mas destina-se igualmente a chamar a atenção para a sua importância. São ainda muitas e valiosas as que existem. Aquelas que ficam representadas nesta colecção falam também por outras que, desta vez, não foi possível contemplar. Todas falam para se apresentarem. Em alguns casos, tomam a palavra para pedir o apoio e o carinho de que tanto necessitam e que tanto merecem”, reforça José Augusto Cardoso Bernardes.

A primeira obra chega-nos de Vila Viçosa, da Biblioteca D. Manuel II, Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (instituição que também apoia este primeiro volume), pela pena de Luís de Camões e com o título *Rhythmas*. “Trata-se de um exemplar da 1ª edição dos poemas líricos de Luís de Camões, impresso em 1595 na tipografia de Manuel de Lira em Lisboa, à custa do livreiro Estêvão Lopes. É uma reprodução deste exemplar, adquirido para a sua Camoniana pelo rei D. Manuel II, que agora se apresenta ao leitor do PÚBLICO. É um livro precioso, tanto como objecto em si como pelo significado literário e patrimonial que encerra”, afirma a docente e investigadora da Universidade dos Açores, Maria do Céu Fraga.

Quinzenalmente seguem-se: *Grammatica da lingoagem portu-*

guesa, de Fernão de Oliveira; *Nova Escola para aprender a ler, escrever & contar*, de Manoel de Andrade de Figueiredo; *Praça da Canção*, de Manuel Alegre; *Alfabeto dos nomes das árvores e arbustos conhecidos e dos lugares da sua natureza*, de autor desconhecido; *Verdadeira Informação das terras do Preste João das Índias*, do Padre Francisco Álvares; *Da fabrica que falece ha Cidade de Lisboa*, de Francisco de Holanda; *Vues Pittoresques, Plans Des Principaux Jardins Anglois*, de autor desconhecido; *Compendio de la salud humana: tratado de la peste*, de Johannes de Ketham; *Tractado da Sphera*, de João de Sacrobosco; *Dictionarium juventuti studioso*, de Jerónimo Cardoso; e *Rimas*, de Bocage.

Numa altura onde tudo é rápido e instantâneo, a colecção convida a “entrar” numa biblioteca e, sobretudo, a redescobrir o prazer de abrir um livro, folhear as suas páginas e percorrer histórias que são comuns a todos nós e fazem parte do nosso património linguístico, histórico e cultural. Esta é uma oportunidade única para descobrir verdadeiros tesouros e, sobretudo, de tomar parte na missão colectiva de transmitir aos vindouros um legado precioso, feito de saber e de beleza.

As Bibliotecas

BIBLIOTECA D. MANUEL II, DO MUSEU-BIBLIOTECA DA CASA DE BRAGANÇA

O rei D. Manuel II (1889-1932) mostrou sempre clara predilecção pela História e os estudos clássicos e humanísticos. No exílio, em Inglaterra, constituiu uma significativa biblioteca. Num primeiro momento focado na história do rei seu homónimo, o Venturoso, especializou-se depois na imprensa quincentista. O interesse por este período da História portuguesa incluiu, naturalmente, a obra de Camões, que D. Manuel II reuniu apaixonadamente.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Localizada no Campo Grande, em Lisboa, a Biblioteca Nacional de Portugal é depositária do maior património bibliográfico de Portugal. Foi criada em 1796, com o nome Real Biblioteca da Corte. Herdou inicialmente o espólio da sua antecessora, a Biblioteca da Real Mesa Censória, e alargou-o com as doações privadas ao longo dos anos. Na altura a funcionar no Chiado, foi também incorporando no seu

acervo inúmeras obras das livrarias de mosteiros e conventos ao longo dos tempos até que o seu crescimento ditou a mudança do local onde ainda hoje se encontra.

PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA - BIBLIOTECA

A Biblioteca Monástico-Real do Palácio Nacional de Mafra é uma das mais importantes bibliotecas europeias, com um valioso acervo de cerca de 36 mil volumes. Da Botânica à Astronomia, da Alquimia à Medicina, da Arquitectura à Teologia, da Literatura de Viagens à Filosofia, dos Clássicos à Biblioteca Volante, ou da Física aos Livros Proibidos, aqui encontramos as obras fundamentais que contribuíram para a criação do nosso universo mental.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Sabe-se que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra se mudou para a Universidade em 1537, mas há registos de uma Livraria de Estudo de 1513. Tinha “setenta livros de toda a ciência que estavam na dita livraria nas Escolas Velhas”. Actualmente

reparte-se por dois edifícios, sendo a Biblioteca Joanina um monumento nacional, pela sua riqueza arquitectónica e decorativa. Ambos reúnem aproximadamente um milhão de títulos.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

Fundada em 9 de Julho de 1833, por ordem de D. Pedro IV, em plenas lutas liberais, a Biblioteca Pública Municipal do Porto está instalada, desde 1842, no antigo Convento de Santo António da Cidade, edifício do século XVIII. São 17 quilómetros de prateleiras que acolhem a colecção da instituição que tem sido construída sobretudo com a bibliografia nacional, uma vez que recebe um exemplar de toda a documentação impressa publicada em Portugal.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

A Biblioteca Pública de Braga foi criada em 1841, por influência de Almeida Garrett através de uma carta de lei da rainha D. Maria II. Começou por ser instalada em parte do edifício do Convento dos

Oratorianos e os vinte mil volumes do seu fundo inicial, foram organizados e catalogados por Silva Abreu. Actualmente tem mais de quinhentos mil.

BIBLIOTECA DA AJUDA

A Biblioteca da Ajuda não tem uma história linear. Pelo contrário, fenómenos naturais e circunstâncias históricas marcaram, de forma indelével, o seu percurso. Actualmente reúne para mais de 19 mil registos bibliográficos entre as diferentes colecções do seu acervo (manuscritos e impressos) entre fotografia, iconografia, cartografia, folhetos (portugueses e estrangeiros), genealogias, obras de medicina ou arquitectura.

BIBLIOTECA DE ARTE GULBENKIAN

A Biblioteca de Arte - inicialmente denominada Biblioteca Geral e, mais tarde, Biblioteca Geral de Arte - foi criada em 1968 com o objetivo de centralizar os fundos documentais existentes na Fundação Calouste Gulbenkian e biblioteca particular de Calouste Gulbenkian, constituída por cerca de três mil títulos. A arte

em Portugal é o tema principal deste acervo, sendo agora constituído por um conjunto de 317 243 espécies fotográficas, distribuídas, actualmente, por 180 colecções.

BIBLIOTECA DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Criado em 1893, sob o nome de Museu Etnográfico Português, o actual Museu Nacional de Arqueologia continua a beber do espírito incansável na busca de conhecimento do seu fundador, José Leite de Vasconcelos. Concebido para ser uma espécie de “Museu do Homem Português”, as suas colecções permitem contar a história do povoamento do nosso território, desde as origens até à Idade Média, estendendo-se cronologicamente até ao século XX.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

Em 1805, Frei Manuel do Cenáculo determinou a criação da Biblioteca Pública de Évora, deixando-lhe uma valiosa colecção bibliográfica, estimada à época de 50 mil volumes. É hoje considerada uma das mais antigas e ricas bibliotecas de Portugal, pelo conjunto e conteúdo das suas colecções.

O curador da coleção *Ex-Libris - Tesouros das Bibliotecas*, José Augusto Bernardes, defende a coexistência do suporte analógico e digital, mas rejeita a ideia de que o último possa vir a substituir o físico. Fala-nos sobre o papel das bibliotecas e os desafios com que se deparam.

Na sua opinião, as bibliotecas são suficientemente reconhecidas pela opinião pública? Em que consiste o seu contributo para o interesse comum?

As coisas da cultura nunca beneficiaram de uma popularidade abrangente. Ainda assim, quero acreditar que as bibliotecas ainda são objeto da consideração geral.

Há bibliotecas de muito tipo. Algumas estão afetas a municípios, outras encontram-se sob a supervisão do Estado. Desempenham funções diferentes, umas e outras. Enquanto uma pequena biblioteca municipal assegura um serviço de proximidade, disponibilizando sobretudo jornais, revistas, “best-sellers” ou edições mais recentes, uma biblioteca nacional tem normalmente à sua guarda documentos raros e valiosos. Em princípio, apenas interessam a estudiosos e investigadores.

Mas todas elas requerem modernização em termos de instalações e de tecnologia. Uma boa biblioteca não é necessariamente muito grande. Mais do que da extensão do acervo, a sua qualidade está dependente das

condições de bem-estar que proporciona aos seus utentes: espaços agradáveis, bibliotecários afáveis e competentes, zonas de sossego e outras propícias ao convívio.

Estabelece uma distinção entre bibliotecas escolares e bibliotecas patrimoniais. Que funções atribui às primeiras?

Em princípio, uma biblioteca escolar serve para expandir e diversificar a atividade letiva. O aluno (e o professor) devem encontrar nesses espaços livros escolhidos. Edições credíveis, desde logo. Sim. As edições não são todas iguais. Algumas não merecem crédito e não deviam entrar numa biblioteca escolar. Mas também deve poder encontrar-se na biblioteca da Escola o que não faz parte dos programas: desde a banda desenhada de qualidade ao livro de aventuras ou ao *e-book* mais versátil. Num outro plano, as bibliotecas devem ser vistas como lugares onde acontecem “coisas interessantes” e curiosas: atos culturais amenos e instrutivos, encontros com investigadores, escritores.

E as bibliotecas que designa por patrimoniais? Como suscitar o interesse do público por elas?

As bibliotecas patrimoniais são diferentes. Guardam as fontes primárias da cultura. Não se pode fazer e aprofundar o saber sem conhecer essas mesmas fontes. Em alguns casos, é necessário tocar esses objetos materialmente. E, no entanto, as bibliotecas

patrimoniais correm hoje riscos grandes. Como não são muito procuradas, há quem pense que não justificam investimento. Ora, o critério da oferta e da procura não se aplica a tudo. Não se aplica a bibliotecas deste tipo, como não se aplica a arquivos e a museus. Os documentos que estão confiados a essas instituições têm um valor diferido, são preciosos e requerem vigilância e cuidados altamente qualificados.

Diz no seu artigo que “por conta de vários motivos (a vertigem digital, é apenas um deles) instalou-se a ideia de que não se justifica despender recursos na conservação de documentos em papel.” Que desafios maiores coloca a digitalização às nossas bibliotecas em geral?

As bibliotecas, como muitas outras áreas, beneficiaram imenso com a digitalização. O suporte digital favoreceu o acesso às fontes de informação e conhecimento e isso constituiu um ganho inestimável. Mas essa transformação não ocorre por magia. Para que ela se verifique, é necessário um investimento considerável, que nem todas as bibliotecas puderam ainda fazer. Dou um exemplo: a conversão de um ficheiro manual num catálogo electrónico exige um trabalho moroso. Para além de especialistas em informática, é preciso que nele intervenham bibliotecários cultos e zelosos, desde logo. É depois necessário manter “em linha” o dito catálogo (o que também custa bastante dinheiro).

Mas o maior desafio que a digitalização trouxe às bibliotecas é de outra natureza. De forma leviana e insensata, tem vindo a acentuar-se a ideia de que o suporte digital substituiu o suporte em papel. É errado pensar assim. O suporte analógico deu provas de durabilidade que o suporte digital, tal como hoje o conhecemos, está longe de alcançar. Existem em Portugal documentos originais com 800 anos, que ainda podemos ler e tocar. Esses documentos podem e devem ser digitalizados (sempre com cuidado e com critério). Mas o original deve ser guardado e mantido em boas condições. Não só porque é original mas porque, ao contrário do que por vezes se pensa, o suporte electrónico é bastante precívél e depressa se torna obsoleto. Não faltam infelizmente exemplos de catástrofes recentes que resultam deste equívoco.

Em todo o mundo, bibliotecários de prestígio têm vindo a chamar a atenção para este desequilíbrio: estimula-se imenso a reprodução digital mas cuida-se pouco (muito pouco) da conservação dos documentos originais.

Acredita que o mundo digital pode trazer uma nova cultura de organização e uso das bibliotecas?

Defendo a coexistência entre o analógico e o digital. Cada um desses suportes cumpre o seu papel. Receio os efeitos da ilusão de que o digital se basta a si próprio. Esta ilusão é

economicamente conveniente e, por isso, é ainda mais perigosa. Não basta reproduzir documentos e depositá-los numa plataforma de acesso livre. É necessário digitalizar, sim. Já agora, de forma criteriosa e não massiva. Mas isso não pode significar o esquecimento do suporte analógico.

É curador da Coleção *Ex-Libris - Tesouros das Bibliotecas de Portugal* que o PÚBLICO está a editar. Como foi feita a escolha das obras?

A escolha das obras é da responsabilidade de cada biblioteca. As bibliotecas conhecem bem os seus tesouros e todas foram rápidas e prestantes nessa indicação. Procurou-se apenas cumprir um critério de diversidade. No caso vertente, temos documentos que vão da criação literária e da gramática, à medicina, à botânica, à história de arte ou à arquitetura.

E houve um outro cuidado importante: o de encontrar especialistas que, conhecendo o valor de cada documento, fossem capazes de o explicar a um público mais vasto. Se nos limitássemos a reproduzir um original sem o explicar, a iniciativa não se cumpriria por inteiro. Deste modo, o leitor guarda o documento mas também fica a apreciá-lo, porque conhece o seu significado e o seu valor. Sem o contributo dos doze investigadores que acederam a este-crever sobre esses documentos este objetivo não teria sido alcançado.

A coleção

10 de Setembro
VOLUME 1

Rhythmas

de Camões
Biblioteca D. Manuel II,
do Museu-Biblioteca
da Casa de Bragança



Escrito à mão, o primeiro volume da coleção é *Rhythmas*, um exemplar da primeira edição dos poemas líricos de Luís de Camões, impresso em

1595 na tipografia de Manuel de Lira em Lisboa. Na época de Camões, em Portugal como na vizinha Castela, não era frequente a edição impressa de poemas líricos. Os poemas “corriam” oralmente ou de mão em mão, em folhas manuscritas. Este é, pois, um documento precioso uma vez que reúne um conjunto de poemas que foram atribuídos ao poeta quando este estava ainda bem vivo – Camões faleceu em 1580 – na memória da sociedade que com ele

privara. As grandes preocupações do homem, o amor, a separação e a morte, a busca do sentido da vida e das suas injustiças são alguns temas abordados nos textos que espelham o extraordinário vigor poético do autor.

24 de Setembro
VOLUME 2

Grammatica da lingoagem portuguesa

de Fernão de Oliveira
Biblioteca Nacional de Portugal



Publicada em Lisboa a 27 de Janeiro de 1536, a *Grammatica da lingoagem portuguesa* trata-se da primeira gramática da língua

portuguesa, precedendo ainda a Gramática de João de Barros de 1540. “A gramática de Fernão de Oliveira, que nos é modestamente apresentada como uma ‘primeira anotação da língua portuguesa’, dá-nos informações preciosas sobre

a língua da época, o Português Clássico, que se caracteriza pela normalização e estandardização do idioma.”, escreve Maria Clara Barros, investigadora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. “Como as restantes gramáticas das línguas românicas da época pretende explicitar a regularidade e sistematização da língua portuguesa, conferindo a uma língua vulgar, moderna, a dignidade e o prestígio que tradicionalmente eram reservados às línguas clássicas”, continua.

8 de Outubro
VOLUME 3

Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar

de Manoel de Andrade
de Figueiredo
Palácio Nacional de Mafra – Biblioteca



Datada de 1722, a primeira de duas edições da *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, de

autoria de Manoel Andrade de Figueiredo, padre jesuíta que, vivendo a sua vida adulta em Lisboa, nasceu no Brasil em 1670, é uma obra maior na história da caligrafia e da educação em Portugal e no Brasil. Nas palavras de Rómulo de Carvalho, pode mesmo ser considerada como “uma obra máxima da pedagogia portuguesa”, comportando quatro partes dedicadas respectivamente ao ensino da leitura, da caligrafia, da ortografia e da aritmética, incluindo, igualmente, recomendações de natureza pedagógica. Para além da relevância do seu conteúdo, este livro é um bom analisador do que foi a educação do seu tempo e das profundas transformações que então se anunciavam.

A colecção

22 de Outubro
VOLUME 4

Praça da Canção

de Manuel Alegre
Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra



Publicado em 1965 no *Cancioneiro Vértice*, uma colecção da famosa revista coimbrã que queria modular a poética realista, conta António Pedro Pita, da

Faculdade de Letras de Coimbra. “A maturidade do jovem poeta era visível”, escreve Pita, “Manuel Alegre situava-se na complexidade das tensões poéticas dos anos 60. Situar-se, quer dizer: delimitar o seu lugar – uma voz, uma poética.” O livro de Alegre marcou para sempre toda uma geração de jovens portugueses que ao longo dos anos 1960 se empenharam na contestação estudantil nas Universidades e lutaram contra a guerra nas ex-colónias africanas. Praça da Canção recorre à História de Portugal para através desse passado colectivo interrogar o presente e o futuro do país, conseguindo aliar um poderoso sopro épico e um lamento pela condição dos portugueses no tempo em que foi escrito.

5 de Novembro
VOLUME 5

Alfabeto dos nomes das árvores e arbustos conhecidos e dos lugares da sua natureza

de autor desconhecido
Biblioteca Pública Municipal do Porto



Composto por 22 folhas, datado de 1787 e de autor desconhecido, este é um pequeno livro manuscrito que apresenta uma listagem

alfabética de espécies botânicas da Europa, Ásia e América, em que os nomes surgem simplesmente uns após os outros, sem nada lhes corresponder: nem descrição nem explicação. “Traz-se no bolso e lê-se como um poema, uma reza, um dicionário ou uma cábula escolar para decorar nomes de coisas que provavelmente nunca veremos ou conheceremos. Existe entre o caderno de viagem – tão em voga no tempo em que foi escrito –, o caderno de notas do botânico e o caderno de poesia,

existe, gramaticalmente, entre a denotação, a conotação e a enunciação”, explica Nuno Faria, Director Artístico do Museu da Cidade no Porto.

19 de Novembro
VOLUME 6

Verdadeira Informação das terras do Preste João das Índias

do Padre Francisco Álvares
Biblioteca Pública de Braga



O Padre Francisco Álvares “viu e escreveu”, dava conta o editor do relato, em 1540. “Ao contrário das ‘maravilhas’ que as narrativas

medievais ofereciam aos seus leitores, Francisco Álvares disponibilizava agora um conjunto alargado de dados sobre a figura e os domínios do Preste João obtidos directamente e cuja verdade estava garantida pelo testemunho de vista de quem os verificara localmente, porque percorrera o território [africano] durante a sua estada de seis anos, entre Abril de 1520 e igual mês de 1526, e tivera a oportunidade de dialogar repetidamente com o negus sobre diversas matérias, com especial incidência nas de âmbito religioso”, explica o investigador Luís Fardilha, da Faculdade de Letras do Porto. “Se algo nos pode ainda hoje surpreender na obra, talvez seja a abertura e tolerância que o autor mostra em relação ao modo específico de ser cristão que encontrou na Igreja etíope. Com efeito, quando a Europa vivia intensamente as consequências da Reforma, não deixa de surpreender a tolerância e abertura do Padre Francisco Álvares perante práticas litúrgicas distantes das que a Igreja Romana aprovava.”

3 de Dezembro
VOLUME 7

Da fabrica que falece ha Cidade de Lisboa

de Francisco de Holanda
Biblioteca da Ajuda



Nascido em Lisboa em 1518, Francisco de Holanda foi uma das grandes figuras do século XVI português. Artista de

corte, retratista, arquitecto, e sobretudo teórico da arte, formou-se iluminador na escola de seu pai, António de Holanda, grande

iluminador vindo da Flandres no reinado de D. Manuel, beneficiou de uma formação humanista na corte de D. João III e viajou por Roma e Veneza onde se cruzou com artistas como Miguel Ângelo, Sebastiano del Piombo, Perino del Vaga, Giulio Clovio ou Sebastiano Serlio. Revestido por uma elegante encadernação desenhada pelo autor e formado por 50 folios enriquecidos com desenhos à pena e aguada de tinta sépia, o sétimo volume da colecção é o único livro de desenhos do artista que se conserva em Portugal.

17 de Dezembro
VOLUME 8

Vues Pittoresques, Plans Des Principaux Jardins Anglois

de autor desconhecido
Biblioteca de Arte Gulbenkian



De nome completo *Vues pittoresques, plans, etc. des principaux jardins anglois qui sont en France: Ermenonville [...] [suivi de] Trianon [...] [suivi de] Bagatelle* foi um dos oito livros que Calouste Gulbenkian adquiriu no leilão da Bibliothèque de Madame Poullier-Ketele, realizado em 1924. “Trata-se de um álbum de formato retangular e pequena dimensão, dedicado ao parque de Ermenonville, aos jardins do Trianon e ao parque de Bagatelle, apresentados através de belas gravuras coloridas, com um texto descrevendo em detalhe as singularidades da paisagem e dos elementos arquitectónicos que a ornamentam”, explica a investigadora Ana Barata. “Este livro possui ainda como singularidade duas anotações manuscritas, uma em arménio - colocando-se a hipótese ter saído da mão do colecionador - indicando o valor da aquisição, e outra em francês, a lápiz: ‘20 vues en couleurs. Très rare.’”

31 de Dezembro
VOLUME 9

Compendio de la salud humana: tratado de la peste

de Johannes de Ketham
Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia



Impresso em Saragoça, a 15 de Agosto de 1494, por Pablo Hurus, o *Compendio de la salud humana: tratado de la peste* é a primeira

tradução castelhana do *Fasciculus medicinae*, do alemão Johannes de Ketham, no qual reuniu seis tratados médicos, que utilizaria nas aulas de medicina que leccionava em Viena. Esta edição inclui ainda uma oração a S. Sebastião, suplicando por saúde em tempos de peste, o *Tractado de la peste*, do português Vasco de Taranta (séculos XIV e XV), protomédico do rei de França, e o *Tractado de la phisonomia*, do escocês Michael Scott (séculos XII e XIII). Cada tratado aborda um assunto diferente, descrevendo doenças, meios de diagnóstico, terapêuticas e procedimentos cirúrgicos e citando, com frequência, os autores antigos.

14 de Janeiro
VOLUME 10

Tractado da Sphera

de João de Sacrobosco
Biblioteca Pública de Évora



O *Tratado de Esfera (Tractado da Sphera*, no seu nome original) foi o livro/texto mais usado por astrónomos e navegadores europeus durante os séculos que se seguiram à sua edição em 1516. Fazia parte do Guia Náutico de Évora, um dos mais importantes documentos da história da náutica portuguesa. Os guias náuticos desta altura “tiveram um enorme impacto na marinharia portuguesa do século XVI tendo influenciado todos os textos náuticos posteriores, e definido uma espécie de cânone para as práticas a bordo”, explica o especialista Henrique Leitão. “Mas a informação contida nestes opúsculos passou muito rapidamente para fora de Portugal - como seria de suspeitar pelo facto de dois dos três exemplares conhecidos se encontrarem em bibliotecas estrangeiras - podendo identificar-se em obras náuticas quinhentistas em Espanha, Inglaterra, França e Alemanha.”

28 de Janeiro
VOLUME 11

Dictionarium juventuti studioso

de Jerónimo Cardoso
Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Durante muitos anos, o primeiro dicionário de Jerónimo Cardoso, que é também o primeiro dicionário impresso da língua portuguesa, foi dado como perdido. Só há



dez anos, a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ao visitar e a catalogar o espólio

que detém de José Leite de Vasconcelos encontrou entre os seus livros, a edição de 1551 de *Dictionarium juventuti studioso* que constitui o décimo-primeiro volume da colecção. Como o próprio título indica, este é um dicionário para jovens estudantes, um dicionário latim-português com cerca de 3300 entradas, que serve para a aprendizagem sistemática do vocabulário. Nos 10 anos seguintes, Cardoso continuaria a ampliar a lista de palavras e, quando em 1562 publicou o *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, este contava já com 12 mil entradas.

11 de Fevereiro
VOLUME 12

Rimas

de Bocage
Biblioteca Pública Municipal de Setúbal



Publicado em três volumes, *Rimas*, de Bocage, foi redigido ao longo de treze anos. O volume que o PÚBLICO agora edita, o segundo, saiu à rua em 1799. Nele, o poeta agradece ao futuro D. João VI que lhe ofereceu roupas e sapatos de fina qualidade, instando-o implicitamente a frequentar a corte, após uma prisão por críticas ao Estado. *Intitula-se Rimas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage dedicadas à Amizade*. Daniel Pires, investigador e director do Centro de Estudos Bocageanos, explica: “Nesse livro, em que o autor iniciou a publicação de rigorosas traduções de poetas greco-latinos e franceses, a censura impediu a inclusão dos versos alusivos ao seu encarceramento. Tendo como certa a amputação da sua obra heterodoxa, Bocage recorreu não raras vezes à clandestinidade para a divulgar. Na verdade, só com o advento do 25 de Abril foi possível publicá-la integralmente.”

Guarda
estes
Tesouros